

MICRO-CONSTRUÇÕES E GRAMATICALIZAÇÃO: UMA ANÁLISE A PARTIR DE *VÁ LÁ* E *VAMOS LÁ*

Ana Cláudia MACHADO TEIXEIRA

Universidade Federal Fluminense
ana.machadoteixeira@yahoo.com.br

Resumo

Neste artigo analisamos as micro-construções *vá lá* e *vamos lá* no que diz respeito aos fenômenos ligados à mudança linguística e relativos ao processo de gramaticalização que permitem sua rotinização e codificação numa unidade, cujo sentido único convencionalizado é imposto por determinados contextos.

Palavras-chave

Construções; gramaticalização; micro-construções; mudança linguística.

Introdução

Na vertente funcionalista, a pesquisa sobre gramaticalização tem se mostrado cada vez mais integrada à abordagem construcional. O que enseja a incorporação de alguns pressupostos cognitivistas para dar conta do tratamento de construções, entendidos como pareamentos de forma e função, pensando-os como unidades primitivas da representação sintática (CROFT, 2001).

Padrões construcionais não redutíveis apresentam-se com potencial de estudo bastante amplo e rico, uma vez que não têm tratamento nos compêndios gramaticais de natureza tradicional (ex: CUNHA & CINTRA, 2001; ROCHA LIMA, 2003), por não se encaixarem no modelo clássico de categorização.

Neste artigo, tomamos por base a proposta de integração entre a gramática de construções radical (GCR) e a teoria da gramaticalização (TG) que visa dar conta das mudanças linguísticas holisticamente. Tal aparato teórico é utilizado na pesquisa Traugott (2008), na qual fundamentamos nossas análises.

Parte-se da hipótese de que *vá lá* e *vamos lá*, em determinados ambientes, deixam de ser formadas por dois vocábulos independentes: verbo de movimento pleno e advérbio pronominal locativo, tornando-se uma construção, unidade sentido-forma usada em situações sintático-semânticas e discursivo-pragmáticas específicas.

Com base no exposto, postulamos que as construções em estudo se enquadram no nível micro de esquematicidade – *types* individuais abstratos. Nesse nível, segundo Traugott (2008, p. 238), se o constructo é relacionado inovadoramente a uma construção da qual não poderia ser tradicionalmente uma instância e tal inovação é replicada, ele pode ser convencionalizado por outros falantes como micro-construção.

Dessa forma, assumimos que *vá lá* atua como micro-construção. Em determinados contextos, comporta-se como *marcador de injunção* (MI), levando o destinatário a realizar determinada ação e em outros, como *marcador de consentimento* (MC), codificando a atitude/crença do falante em relação à proposição.

No caso de *vamos lá*, ora comporta-se como *marcador mudança de tópico* (MMT), conduzindo o destinatário a um novo tópico discursivo ou a uma expansão do tópico ou, ainda, a um subtópico; ora como *marcador de especificação* (ME), apresentando uma especificação do conteúdo da proposição anterior; ora como *marcador de injunção* (MI), provocando o envolvimento do destinatário, exortando-o à ação.

A fim de verificar nossas hipóteses, organizamos um *corpus* composto por textos captados de revistas das editoras: Brasileiros, Abril e Globo; do *Corpus* D&G, PEUL/UFRJ, NURC-RJ/SP e do *site Corpus* do português, totalizando 500 ocorrências.

Gramaticalização

Consideramos gramaticalização como exposto por Heine e Kuteva (2007, p. 32) em que:

(...) é definida como o desenvolvimento de formas lexicais para gramaticais, e de formas gramaticais para mais gramaticais. Desde que o desenvolvimento de formas gramaticais não é independente das construções nas quais elas se inserem, o estudo da gramaticalização está da mesma maneira preocupado com construções, e com segmentos mais amplos de discurso.

Segundo Traugott (2008, p. 220), “os contextos em que os itens lexicais sofrem gramaticalização têm frequentemente sido chamados de ‘construções’ na literatura e, tem sido vistos como a fonte, assim como o resultado da gramaticalização”.

Para a abordagem de *vá lá* e *vamos lá*, levamos em consideração os princípios de Hopper (1991) e partimos de quatro pressupostos funcionalistas associados aos mecanismos de mudança linguística, a saber:

1. *Metaforização*: caracteriza-se pela mudança de significado de um item e/ou construção que passa de um domínio cognitivo mais concreto para um mais abstrato. Nas micro-construções, o verbo *ir* parte do domínio de espaço - *ir a algum lugar* - e o locativo *lá* parte do de lugar - *naquele lugar*, em direção a domínios mais abstratos onde se percebe um deslocamento na expressividade e intenção, tal mudança ocasiona um enfraquecimento de seus sentidos originais em prol de um novo sentido único e pragmaticamente motivado.
2. *Reinterpretação contextual ou metonimização*: caracteriza-se pela extensão de sentido do item e/ou construção baseado no estabelecimento de um contato mental entre um ponto de referência e outro, mesmo que implicitamente. Segundo Radden (In: BARCELONA, 2000, p. 98):
Os contextos induzem reinterpretações, tornando-os convencionalizados pelo reforço pragmático. O relacionamento conceitual entre uma entidade nomeada e implicada estão baseadas em contiguidade, portanto, metonímia.
3. *Subjetificação*: conforme Traugott e Dasher (2005), parte de um mecanismo de recrutamento de significados para expressar e regular crenças, atitudes. Na visão dos autores (idem):
A subjetificação é associativa e metonímica ao ato de comunicação do falante, mais especialmente para a atitude dos falantes, sendo mais interessante, linguisticamente, a expressão dessa atitude tanto diante da factualidade da proposição quanto da postura retórica argumentativa a ser tomada.
4. *Intersubjetificação*: é mais útil pensada paralelamente à subjetificação, na medida em que codifica a expressão do falante em atenção ao ouvinte. Isto porque o falante revela pontos de vista em andamento na negociação interacional da produção discursiva, quando estes pontos de vista codificados sinalizam atenção particular do ouvinte, a intersubjetificação ocorre.

Abordagens cognitivistas

Levamos em conta os conceitos de *frame* e *esquema imagético*, uma vez que tanto *vá lá* como *vamos lá* estão contidas em porções maiores de texto identificadas como molduras ou *frames*, incorporadores de cenas básicas das atividades humanas em modelos cognitivos idealizados. Tal conceito dá conta da perspectivização de toda a cena comunicativa, o que é necessário para que se possa fazer uma análise mais apurada.

Com relação à ligação entre os *frames* e os esquemas imagéticos de *container* e movimento, consideramos que a polissemia de sentidos das construções está intimamente ligada à ideia de deslocamento entre *containers*. Como há um elemento que evoca a cena, podemos afirmar que existe uma relação entre contexto e polissemia, já que a manifestação do significado depende do uso. Os novos sentidos são desenvolvidos a partir de contextos específicos e nesses sentidos há um relacionamento íntimo, viabilizado pela cena comunicativa. Diante dessa constatação, importa ressaltar que as construções *vá lá* e *vamos lá* se apresentam em cenas cujo *frame* é menos espacial e físico. Quando os arranjos mais prototípicos estão presentes na cena, o *frame* é mais espacial e físico. Conforme pode ser observado abaixo:

- (1) (...) aquele solar e... antes de eles venderem queriam que a gente conhecesse... eu “pois não... vamos lá”... quando eu estou caminhando vendo aquelas... aqueles quartos imensos... aquela casa muito grande eu ouço descerem a escada... (*Inquérito 374 NURC*)
- (2) (...)Explicar a graça de uma piada é a melhor forma de desmoralizá-la, mas, vamos lá, abramos uma exceção. O romano cometia o mesmo erro, hoje tão comum (...). *Artigo de opinião por Roberto Pompeu de Toledo, revista do grupo Abril: Veja, 2008*

Em (1) e (2), somente levando em conta toda a cena comunicativa podemos compreender que a micro-construção *vamos lá*, apesar de possuir a mesma forma assim como a mesma pausa, exerce função distinta. Com relação ao esquema imagético *container*, tanto em (1) quanto em (2) não podemos processá-lo separadamente e, sim na relação entre os *containers* e o *frame*.

Em (1), observa-se um *frame* espacial: a informante narra uma visita a um solar de uma família e descreve o que vê ao redor, portanto a forma verbal *vamos* está em seu sentido mais prototípico, sendo o locativo *lá* seu argumento. Já em (2), o *frame* não é espacial. O autor exprime sua opinião acerca do quanto os erros humanos são atemporais e, portanto, trata-se de uma construção: o sentido total (e único) é diferente da soma dos sentidos de seus constituintes. Tal sentido é fornecido pelo *frame* não espacial, que forma um contexto específico no qual as propriedades discursivo-funcionais fornecem relevância pragmática à construção. Observa-se a atuação coercitiva do contexto institu-

ido por mecanismos, principalmente, de inferência sugerida, metonimização e intersubjetificação.

Com relação ao conceito de construção, a partir do entendimento de pareamento forma-sentido, Croft (2001, p.18) apresenta um modelo de estrutura simbólica. Em sua abordagem, pode-se entender que as propriedades ligadas à forma abrangem os aspectos que são convencionalizados na construção e as propriedades ligadas ao sentido abrangem os aspectos funcionais de uso.

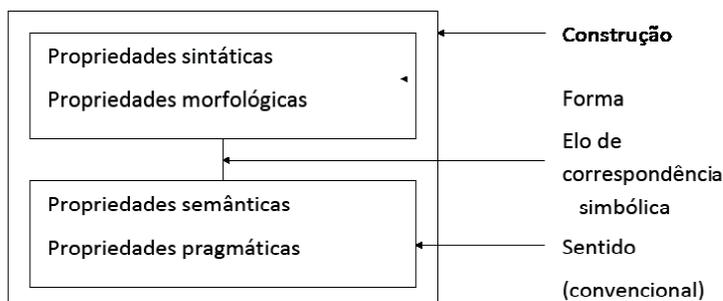


Figura 1. Modelo de estrutura simbólica de uma construção, segundo Croft (2001)

O autor propõe um modelo que procura abranger todos os níveis de uso de uma dada construção. A conexão entre convencionalização de sentido e forma é interna à construção, envolvendo aspectos mais arbitrários e outros mais motivados. Do ponto de vista formal, Croft (2001) destaca os componentes fonológicos, morfológicos e sintáticos envolvidos na construção e os correlaciona com o sentido articulado nos níveis semântico, pragmático e discursivo-funcional. Trata-se, portanto, de um modelo holístico de abordagem construcional, que procura dar conta das distintas dimensões envolvidas e suas interligações.

Ao lançar mão do entrelaçamento GCR e TG proposto por Traugott (2008), nossa pretensão é utilizar esse conceito para entender a gramaticalização das micro-construções dentro de um contexto maior. Portanto, nossas análises focam todas as propriedades de uma construção para que as enquadremos como tal.

No que tange à classificação como micro-construções, Traugott (2008) apresenta um estudo onde estabelece uma taxonomia pautada em níveis de esquematicidade. Propõe um entrelaçamento entre o nível de análise da gramaticalização - em que as micros representariam mudanças *types* específicas - e o da gramática de construções - em que representariam construções *types* individuais.

Desse modo, a gramaticalização das construções se realizaria na medida em que padrões de uso são rotinizados em determinados contextos e passam a compor um esquema mental acessível aos falantes. Para nossa proposta de estudo, o surgimento de usos padronizados se adequa a uma proposta construcional.

Análise

Vá lá e Vamos lá – Arranjo mais prototípico

Nesse estágio, enfocam-se os itens lexicais verbo e advérbio como palavras sintáticas e semanticamente autônomas, vistas como um *arranjo mais prototípico*. A palavra *arranjo* foi escolhida por representar nossa opção em considerar: i) o verbo de movimento “ir”, como transitivo circunstancial, selecionando um argumento adverbial locativo com função adjuntiva e acessória, ii) *mais prototípico*, por considerarmos que nessa condição os dois itens constituem um *frame* espacial: a) referindo-se ao deslocamento de algo ou alguma coisa de um lugar para outro, b) indicando um espaço físico-concreto. Além disso, na maior parte das ocorrências, o locativo apresenta sentido mais textual. Conforme ilustrado abaixo:

(3) Eu conheço vários caras que moram na favela (...)Mas não querem que você **vá lá** dar de graça. Querem ter condições de ganhar o seu sem se humilhar pra ninguém. *Entrevista com Mano Braown publicada em /2006, site Corpus do português*

(4) Eu e o Cássio somos voluntários da fundação. Sempre que dá, **vamos lá** brincar, dar banho, carinho, beijo. Eles só precisam de amor e infra-estrutura. O artista tem oportunidades, ao longo de sua trajetória, de ter contato com instituições (...). *Reportagem de Carla Ghermandi, revista Época online 17/12/2008*

É importante ressaltar a atuação do *frame* que constitui a cena comunicativa. Os elementos que instanciam o arranjo ancoram a cena espacial, marcando o deslocamento em (3) de *você*, do local onde se encontra para a *favela*. Em (4), Winitis e o marido vão à fundação para estar com as crianças. Nos dois exemplos, o locativo encontra-se em posição adjuntiva, que é prototípica, em detrimento de o verbo ser transitivo circunstancial. Ao mesmo tempo, faz referência textual anafórica, tal papel, bastante recorrente no arranjo, torna-se mais um motivo para considerar tais usos como *arranjos mais prototípicos*. Nesse sentido, temos a substituição do termo anteriormente empregado por outro, a fim de evitar repetições na progressão textual. Assim, em (3), o locativo *lá* substitui o adjunto adverbial de lugar *na favela* e em (4), o substitui por *fundação*.

Como se observa nos dados, apenas a ordenação dos itens lexicais não justifica o entendimento de *vá lá* e *vamos lá* como construções. Mas nos habilita analisar a abstratização gradativa de sentidos vinculada ao contexto pragmático, conduzindo à gramaticalização das construções em contexto específicos. O sentido indicado pelo verbo *ir* nas duas situações é de deslocamento concreto no espaço, portanto, pleno em sua origem. Com relação ao advérbio *lá*, em ambos os casos, indica um lugar físico e faz referência textual.

O contexto em que se insere o arranjo mais prototípico *vamos lá* representa uma sequência tipológica expositiva. Na reportagem, ao tratar do assunto *voluntariado*, Winitz tenciona apresentar informações sobre um assunto específico, pretendendo imparcialidade, revela, então, reflexão, explicação, exposição de ideias, situa-se no conhecer. Em (3) *vá lá* está inserida em uma sequência injuntiva. Na entrevista, *Mano Brown* utiliza o modo imperativo, referindo-se ao desejo dos *caras que moram na favela* não quererem que *você* - utilizado em um sentido impessoal - *vá lá dar de graça*.

Vá lá e Vamos lá – abordagem construcional

Identificamos a existência de um *cline* em que se verifica um gradiente dos usos de *vá* e *lá*, assim como *vamos* e *lá* de mais concretos para mais abstratos, com os itens lexicais unidos formando as construções *vá lá* e *vamos lá*. Conforme as trajetórias abaixo:

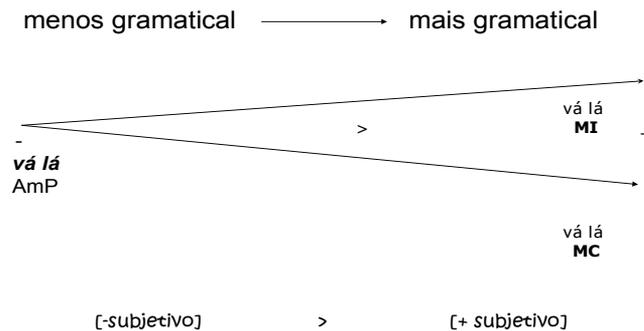


Figura 2. *Cline vá lá*

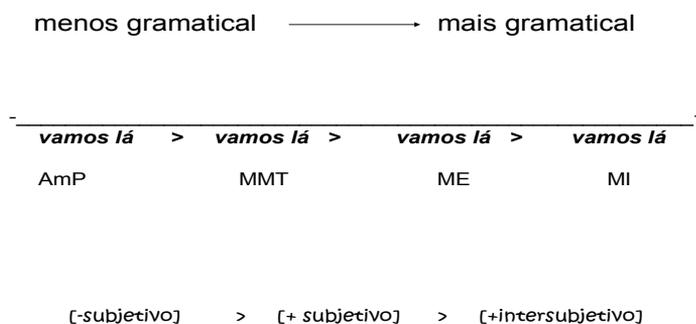


Figura 3. *Cline vamos lá*

A GCR de Croft (2001), com suas seis propriedades distribuídas pelo pólo do sentido e da forma, é considerada pelo aparato teórico de Traugott (2008) como a teoria construcional que mais se aproxima da proposta multicamadas da gramaticalização, uma vez que envolve uma série de mudanças correlatas. Nesse sentido, a autora (idem) cita Himmelmann (2004, p. 32-33), que postula ser a gramaticalização caracterizada por três tipos de expansão: da classe matriz, sintática e semântico-pragmática. É nessa união que consiste o ponto fulcral da postulação de Traugott para o entrelaçamento das abordagens.

Vá lá – Marcador de injunção e marcador de consentimento

Nas ocorrências do *corpus*, percebemos duas trajetórias distintas de gramaticalização, uma vez que não distinguimos graus de abstratização nos usos construcionais estudados. Segundo alguns autores, estaríamos diante de um caso de poligramaticalização:¹

Nas sequências tipológicas em que *vá lá* se insere como MI, observamos que existe uma inferência sugerida de ordem. Já nas sequências tipológicas em que *vá lá* se insere como MC, observamos uma inferência sugerida de consentimento, de concordância com aquilo que foi estabelecido na proposição anterior, seja uma opinião geral, de terceiros ou própria. Em ambos os casos, tal fato justifica ter sido o modo imperativo selecionado para a forma verbal ser convencionalizada.

O fato de o verbo *ir* estar na 3a. pessoa demonstra um estágio mais gramaticalizado da construção, já que neutraliza totalmente a expressão de pessoa. No caso de MC, um comentário de consentimento ou concordância do autor (1a. pessoa) é proferido acerca de uma proposição estabelecida anteriormente por algum fato ou alguém (2a ou 3a. pessoa). O verbo no imperativo também coaduna com a inferência em questão e demonstra a força coercitiva do contexto, pois traduz um caráter de permissão, aprovação, consentimento em MC ou determinação, mando, ordem em MI. Tais inferências sugeridas pelo contexto específico viabilizam a convencionalização das construções.

No caso dos padrões construcionais, percebe-se os seguintes indicadores de gramaticalização: a) fixação de posição na sentença e, na maioria das ocorrências, uma pausa ou entonação distinta do restante da pronúncia das palavras do período ou até mesmo, silêncio que, na maioria dos casos, é marcado através de pontuação; b) relação entre o *frame* de descolamento espacial e a formação de contextos específicos que favorecem a gramaticalização da construção com sentido único, mais abstrato, numa função particular; c) em termos de metaforização, o deslocamento do sentido mais referencial para um mais expressivo exprime um transferência entre domínios. Assim, tanto

¹ Segundo Braga e Paiva (2003), no processo de mudança linguística uma mesma construção pode se gramaticalizar em mais de uma direção, desenvolvendo trajetórias distintas ao apresentar usos e funções gramaticais diferentes. Ocorre, portanto, poligramaticalização.

a forma verbal *vá* quanto o locativo *lá*, não exprimem seus sentidos prototípicos. O sentido abstratizado da unidade está de acordo com seu alto grau de expressividade, quanto mais expressivo mais abstratizado será o sentido; d) com relação aos princípios de divergência, especialização e pertinência que identificam os estágios incipientes de gramaticalização, percebe-se que o *arranjo mais prototípico* convive simultaneamente com a *micro-construção* no uso como arranjo mais prototípico, MI e MC. O que revela a coexistência de sentidos divergentes típicos desse estágio. Dentro de um contexto específico, um determinado sentido se especializa numa determinada função. Consegue-se, ainda, perceber a persistência do traço de movimento do verbo *ir*, agora movimentando o foco de uma atitude menos expressiva para uma mais expressiva, indicando um movimento na opinião; e) o locativo *lá* não configura seu sentido prototípico, pois não indica lugar. Assim, os traços mais comumente associados à classe dos advérbios aos pronomes locativos não se aplicam para os usos construcionais. Nesses usos, *lá* se encontra altamente integrado, formal e funcionalmente, ao verbo que o acompanha. No caso de *vá lá*, é reanalisado como um clítico de “vá” em virtude de pressões contextuais tanto metonímicas, devido à ordenação de tais pronomes como metafóricas, devido a sua granularidade vasta (Batoréo, 2000). Por conseguinte, tais mecanismos levam à expansão da classe matriz - pronome adverbial locativo - uma das extensões incidentes no processo de gramaticalização, conforme postula Himmelmann (2004, apud Traugott, 2008); f) ambos os usos construcionais também são conduzidos pelo mecanismo de subjetificação, uma vez que as perspectivas do falante em relação ao que é dito estão sendo codificadas na construção e identificadas no contexto em que se especializa.

A pressão que se estabelece nos contextos discursivos para que as trocas conversacionais sejam pautadas pelo princípio de informatividade ou relevância leva à convencionalização das implicaturas conversacionais, ou inferências sugeridas nos termos de Traugott e Dasher (2005). As construções tornam-se, também, pela frequência de uso, formas de expressão rotinizadas de uma comunidade linguística. Assim, a partir desses dados, podemos perceber a transição do conversacional para o convencional, favorecendo a gramaticalização da forma verbal e do locativo como construções nos usos aludidos. Conforme dados abaixo:

deslocamento no espaço (emissor) > deslocamento na expressividade (opinião)

- (5) - O senhor me permite outra sugestão? - **Vá lá.** - Não se ofende? Sodré já estava ofendido com a impertinência do funcionário inovador, mas lembrando-se das horas extraordinárias de serviço, exclamou com vontade de gritar: - Não me ofendo. *Romance: O burro de ouro de Gastão de Holanda, 1960, site Corpus do português*

A ocorrência (5) representa uma sequência injuntiva. Em contextos com cenas de tensão, frequentemente observamos inferências de injunção com

subtipo de ordem. Ficam evidentes divergências de posições em que uma das partes se considera superior a outra, determinando um fazer, com um traço menor de polidez. Sodré, ao ordenar que o funcionário continue com a sugestão, deixa claro esse tipo de injunção, demonstrando toda a irritação com a impertinência do “funcionário inovador”, que é ratificada pela “vontade de gritar” sentida por ele.

Consideramos que tais contextos favorecem a gramaticalização desse uso, demonstrando como a motivação pragmática pode levar a reinterpretação induzida pela especificidade do mesmo. Dessa forma, a construção fixa sua posição e veicula um único sentido integrado, do ponto de vista semântico-sintático.

Com relação ao uso de MC, observamos uma predominância em sequências argumentativas. Percebemos que a construção *vá lá*, nesse uso, funciona como uma concordância do autor em relação à proposição. Por conta disso, a opinião do autor é o traço que marca os contextos e, assim, no texto, tal inferência exerce pressão de informatividade promovendo sua convencionalização. Daí entendermos que a subjetificação é o mecanismo que dispara o processo de gramaticalização, uma vez que parte da crença e da atitude do falante em relação à proposição, direcionando a atenção do destinatário àquilo que foi dito. Os dois mecanismos: metonimização e subjetificação, por sua vez, permitem ou implicam abstratização de sentido, portanto, metaforização. Conforme podemos observar abaixo:

- (6) Dalton Trevisan devia virar blogueiro. (...) A única lição (não sei por que temos de tirar lições de literatura, mas **vá lá**), a única lição é que o leitor precisa evitar Curitiba como cidade para viver. *Artigo de opinião, por Luis Antonio Giron, Revista Época, 2009*

Em seu artigo (6), Giron opina sobre a atual escritura de Dalton Trevisan. Na finalização de seu argumento, utiliza a construção *vá lá* dentro de uma reflexão - marcada pelo uso do parênteses - que a primeira vista poderia parecer “íntima ou individual”, mas que funciona como força argumentativa para a persuasão do leitor, instigando-o à leitura do livro ou a evitar Curitiba como local de moradia.

Vamos lá – Marcador de mudança de tópico, marcador de especificação e marcador de injunção

Identificamos quatro padrões de uso para *vamos lá*: um como *arranjo mais prototípico* e três outros como *micro-construções* numa única trajetória, conforme figura 2.

O verbo no indicativo expressa fatos reais ou que se têm por verdadeiros, a seleção da 1a. pessoa do plural do verbo *ir* demonstra que a gramaticalização dessa construção está inserida em contextos específicos, ou seja, a especificidade contextual propicia o recrutamento dos itens e sua combinação

em um determinado sentido. É na interação, no uso da língua que inferências sugerem sentidos e na continuidade, na frequência e na aceitação da comunidade linguística que tal uso pode se consolidar e gramaticalizar. Observamos que os contextos em que se inserem a construção *vamos lá* são indicadores de parceria, acompanhamento, companhia, interesse comum, comunhão, consideramos que essa especificidade motivou o recrutamento dessa forma verbal. A força coercitiva do contexto ou a pressão de informatividade estabelece-se como mecanismo de metonimização, em detrimento das relações de contiguidade de sentido advindas das trocas interativas. Além dessa inferência, observamos outras que aliadas à primeira, particularizam os usos que aqui registramos.

No que diz respeito à abstratização de sentido, em *vamos lá* a presença do verbo na 1ª. pessoa do plural parece demonstrar um exemplo mais acentuado da transição e complementaridade dos mecanismos de subjetificação e intersubjetificação. O verbo nessa pessoa do discurso demonstra uma integração maior entre falante e ouvinte, garantindo a intenção de compartilhamento de ideias e atitudes. Como tal processo é entendido pragmaticamente, o destinatário passa a ser focado na construção de forma a demonstrar a atitude do falante em relação a ele.

Os locativos são muito recrutados para fazer referência a outros domínios mais abstratos, constituindo esses pronomes “coringas” do jogo comunicativo. Em MMT e ME, pressões metonímicas atuam para a fixação e sistematização de um tipo de unidade semântico-sintática cumpridora de função gramatical, como elemento de conexão sintática ou textual. No caso de MI, tais pressões atuam numa unidade cumpridora de função pragmática, na expressão de crenças e comportamentos. Portanto, nos dois primeiros usos, atuam no plano textual como reforço situativo-comunicativo e no último, é reanalisado como um clítico de “vá”. Nos três casos, assume papel periférico em relação ao verbo e passa a atuar à semelhança de uma forma dependente, nos termos de Câmara Jr (1976). De acordo com Salomão (2009: 63), entendemos que, nas construções, o locativo atua num plano específico de “dimensão simbólica” em que cenas básicas da experiência humana são evocadas.

Com relação aos princípios de Hopper (1991), percebe-se que o *arranjo mais prototípico* convive simultaneamente com a *micro-construção*, o que revela: i) novas camadas coexistindo com as antigas, ii) formas que têm em comum a etimologia, mas divergem funcionalmente, iii) manutenção de alguns traços semânticos da forma-fonte na forma gramaticalizada - o movimento ainda é um traço presente, mas está acompanhado de outro traço, pragmático, de intenção, iv) estreitamento da escolha para se codificar determinada função e v) perda dos marcadores opcionais de categorialidade e de autonomia discursiva, por parte da forma em processo de gramaticalização. Nas análises dos exemplos, podemos perceber mais claramente a atuação desses princípios.

Como MMT, *vamos lá* conduz o destinatário a um novo tópico discursivo (TD), ou a uma expansão do tópico ou ainda a um subtópico. As proprieda-

des de centração, organicidade, segmentação e digressão (FÁVERO, 2003) do TD foram determinantes para a identificação desse padrão de uso, uma vez que todas as ocorrências estão inseridas no *corpus* em sequências tipológicas injuntivas; o que tendia a nos levar a classificá-las como MI. Consideramos existir uma nuance de sentido distinta que se destaca além da injunção, justificando um uso diferente gramaticalizado em um contexto específico. Por conta das especificidades de seu uso, justifica-se a proximidade do *arranjo mais prototípico* no *cline*. Observamos tal situação no exemplo a seguir:

(7) I: é ... você tem muitas outras prioridades ... do que uma janela agora né? E: é ... inclusive porque eu preciso fazer outras reformas na casa ... pra receber essa janela ... I: sim mas ... o entrevistado sou eu ... E: é verdade ... vamos lá ... a parte do mar tá acabado? I: é ... E: você vai mexer agora só no céu? *Inquérito do Corpus do grupo Discurso & Gramática - D&G, cidade de Natal - RN, 1993*

Em (7), o entrevistador utiliza a construção para mudar o tópico na medida em que o inquérito, a princípio, se encaminhava para um objetivo diverso do inicial. A construção *vamos lá* como MMT reflete abstratização de seus itens em prol de um único sentido. O verbo *ir* não indica deslocamento no espaço e sim, nos tópicos discursivos e o locativo *lá*, indicando um lugar no texto dito ou a dizer, não caracteriza lugar concreto e sim um reforço situativo-comunicativo fazendo referência endofórica textual, nesse caso, catafórica.

Ao mesmo tempo em que tal uso não exprime os sentidos prototípicos dos itens, possui função mais ligada ao texto, o que representa caráter mais incipiente de gramaticalização. Por outro lado, apesar de estarem inseridos em contextos injuntivos em que o administrador da interação conduz o destinatário, não se enquadram em MI na medida em que existe mais uma característica que o particulariza: a condução se dá entre TDs.

Como ME, *vamos lá* apresenta uma especificação do conteúdo da proposição anterior numa função particular. Tal função se gramaticaliza em contextos majoritariamente opinativos, representado por sequências argumentativas e expositivas. Na sequência do *cline* proposto, consideramos que esse uso se encontra na trajetória de gramaticalização por possuir algumas especificidades diretamente relacionadas ao texto e outras ligadas às funções mais pragmáticas. Os itens estão unidos numa forte relação sintático-semântica, mas com referências menos abstratas do que as do uso seguinte - MI.

A partir da análise dos dados, ratificamos a posição de ME e MI na trajetória de gramaticalização: enquanto o primeiro se especifica em contextos argumentativos e expositivos, onde uma opinião é estabelecida de maneira a contribuir para a força argumentativa do texto, o segundo se especializa em um contexto injuntivo. Apesar de em algumas ocorrências percebermos alguns contornos de injunção, não as consideramos casos de MI, por existir uma inferência de especificação que permite particularizar um uso. Podemos observar essa situação no exemplo a seguir, cuja sequência tipológica é expositiva.

- (8) O senhor poderia dar um balanço de quantos ou quanto economizou com isso? Vamos lá: de informática, eu cancelei 450 milhões com várias empresas (...). Além desses, cancelei contratos da Copel. (...). *Entrevista com Roberto Requião para a revista Caros Amigos, site Corpus do português, 2008*

Em (8), o repórter pede que Requião fale acerca da economia que promoveu ao cancelar contratos e pagamentos advindos de negociações duvidosas. Em sua resposta, o governador, que estava falando anteriormente em cancelamento de contratos, a partir da pergunta prossegue a enumeração do que cancelou. A sua resposta poderia ter sido iniciada diretamente pela enumeração, mas ao inserir a construção *vamos lá* como marcador de especificação, o conteúdo que veicula ganha maior destaque. A maior pausa sugere, por hipótese, que a enumeração é extensa, ou seja, Requião conseguiu economizar muito enquanto governador. A sequência é expositiva e a inferência sugerida na cena comunicativa passa pela explicação que está a serviço dos interesses do entrevistado.

Nesse uso, a pausa que se segue após a construção é muito maior que a dos demais. Marcada por dois pontos, indica uma enumeração que se segue e que tem a finalidade de especificar o conteúdo da proposição anterior. A construção se cristaliza na posição entre a proposição anterior e o sinal de pontuação. Julgamos que essa realização, aliada às que expomos acima, justificam a identificação de um uso distinto.

Como MI, a micro-construção *vamos lá* leva o destinatário a realizar determinada ação. Observamos a existência de inferência sugerida de conselho, desejo, pedido, uma voz que anima: o autor/falante deseja que o leitor/destinatário faça ou realize o que ele quer, porém o faz através desse subtipo distinto de injunção. Conforme observamos no exemplo abaixo:

- (9) Subo e subo. Mais escadas. E continuo a subir. Vejo uma placa com o número 11 – deve ser o número do andar. Olho para cima e não consigo ver o final. O fôlego dá uma rateada. E eu, que pensava que essa torre era de brincadeira... Vamos lá, o exercício vai tirar o ranço da noitada de avião... *Blog Viajologia, por Haroldo Costa, Revista Época on line, 2008*

Em (9), observamos um contexto em que predomina a opinião. Na sequência expositiva, o *blogueiro* de *Época* dá dicas de como se comportar numa viagem à Munique, de onde, segundo ele, “do alto tudo é mais bonito”. Após sua exposição e com o objetivo de conduzir o destinatário a ver a vista “lá de cima”, anima/incita o leitor que o acompanhe a uma determinada subida que servirá para “tirar o ranço da noitada de avião”. Na continuação do texto, Humberto tenciona convencer o leitor a fazer a viagem indicada a partir de suas dicas, uma vez que é essa a função principal de seu *blog*. Dessa forma, *vamos lá* encabeça uma sequência tipológica, marcando esse tipo de injunção. Tal sequência, juntamente com a expositiva, está a serviço da argumentativa, ambas funcionando como plano de fundo.

Considerações finais

Identificamos que as situações sintático-semânticas e discursivo-pragmáticas específicas promovem a gramaticalização de determinados usos construcionais de *vá lá* e *vamos lá*. Ambas enquadram-se no nível micro de esquematicidade, segundo Traugott (2008).

Vá lá como construção, comporta-se como: a) *marcador de injunção*, com maior incidência em sequências injuntivas, cuja atuação da inferência de ordem determina ao destinatário a realização da ação; b) *marcador de consentimento*, com maior incidência em sequências argumentativas, em que atuação da inferência de consentimento, aprovação, concordância permite que o falante leve o destinatário a crer em sua opinião, conduzindo-o a uma reflexão a fim de convencê-lo.

Vamos lá, como construção, comporta-se como: a) *marcador mudança de tópico*, especializando-se em sequências injuntivas, em que atuação da inferência de injunção conduz o interlocutor através dos TDs. Apesar de possuir comportamento mais abstrato, ainda está marcado por relações mais textuais, indicando posição menos avançada na trajetória de gramaticalização, b) *marcador de especificação*, maior incidência em sequências argumentativas, cuja inferência sugerida de especificação particulariza uma declaração de ordem mais geral apresentada no enunciado anterior. O falante, ao detalhar sua opinião, envolve o destinatário de forma a levá-lo a assumir a mesma posição/ ideia. Constatamos sua posição na trajetória de gramaticalização entre MMT e MI, por possuir algumas especificidades diretamente relacionadas ao texto e outras ligadas às funções mais pragmáticas, c) *marcador de injunção*, com sentido altamente abstrato, revela exclusividade em sequências injuntivas, cuja atuação de inferência de conselho, pedido, sedução, desejo, voz que anima conduz o destinatário à percepção de um dizer que devemos saber e fazer para alcançar um objetivo. O falante envolve o destinatário em sua opinião de forma que o faça aderir a ela.

Constatamos que a construção *vá lá* e *vamos lá* no uso de MI passam a competir, com prevalência de *vamos lá* para função de injunção, ficando *vá lá* mais frequente e disponível para a função de consentimento. Como as ocorrências de *vá lá* são proporcionalmente inferiores a *vamos lá* em MI, verificamos uma tendência à preferência dos falantes/autores pela nuance de conselho, pedido veiculada por *vamos lá* o que sugere, a partir das ocorrências do *corpus*, que *vá lá* poderia estar num processo contrário, de extinção.

A partir das análises do *corpus* identificamos que: i) *vá lá* e *vamos lá* são micro-construções em torno do verbo *ir* + *lá*, ii) demonstraram contribuição do entrelaçamento GCR-TG, iii) os mecanismos de metaforização, metonimização e inferência sugerida, subjetificação e intersubjetificação atuaram produtivamente no processo de gramaticalização; iv) as sequências tipológicas foram determinantes na formação de contextos específicos que promoveram a fixação dos padrões de uso analisados. ☐

Recebido em 31/01/2011. Aceito em 04/03/2011

MACHADO TEIXEIRA, A. C. MICRO-CONSTRUCTIONS AND GRAMMATICALIZATION: ANALYSIS FROM **VÁ LÁ** AND **VAMOS LÁ**

Abstract

This paper analyzes the micro-constructions vá lá and vamos lá with regard to phenomena related to linguistic change, and about the process of grammaticalization that allow their routinization and codification in unit whose single meaning conventionalized is imposed by certain contexts..

Keywords

Constructions; grammaticalization; micro-constructions; linguistic change.

Referências

BATORÉO, Hanna. *Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

BRAGA, Maria Luiza e PAIVA, Maria da Conceição. Do advérbio ao clítico é isso aí. IN: RONCARATI, C. e ABRAÇADO, J. (org). *Português brasileiro – contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, p. 206-212, 2003.

CÂMARA, Jr, Joaquim Mattoso. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976 [1979].

CROFT W. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, Celso Ferreira da e CINTRA, Luis Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FÁVERO, L. L. O tópico discursivo. In: PRETI, D. (Org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas. p. 33-54, 2003.

FILLMORE, C. J., AKTINS, B. T. Toward a Frame-Based Lexicon: Semantics of Risk e its Neighbors. In: LEHRER, A., KITTAY, E.E. (eds). *Frames, Fields, and Contrasts: New Essays in Semantic and Lexical organization*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1992.

HEINE, B., KUTEVA, T. *The genesis of grammar: A reconstruction*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C., HEINE, B. (orgs.) *Approaches to grammaticalization. Vol I. Focus on theoretical and methodological issues*, Amsterdam: John Benjamins, 1991.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about mind*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1987.

MIRANDA, Neusa e SALOMÃO, Maria Margarida. *Construções do português do Brasil – da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

RADDEN, Günter. How metonymic are metaphors?. In: BARCELONA, Antonio. *Metaphor and metonymy at the crossroads: a cognitive perspective*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. Gramática normativa da língua portuguesa. 43. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

TRAUGOTT, E. C., DASHER, R. B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R., JÄGER G., VEENSTRA, T. (eds.). *Variation, Selection, Development--Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 219-250, 2008.